

EDITAL DE INSCRIÇÃO (RESUMO EXPANDIDO) - COMUNICAÇÃO

**O AUDIOVISUAL COMO MÉTODO DE PRODUÇÃO CIENTÍFICA. A
POSSIBILIDADE DE UM ENSAIO-FILME.**

Francisco Marcio Marques Dos Santos (kicosantos@gmail.com)

“Escrever é uma indecência.” Essa afirmação atravessou gerações e ainda ressoa atualmente. Já no século V a.C., Sócrates alertava sobre os riscos do uso recorrente da escrita. Desde então, muitas transformações ocorreram, especialmente no campo do pensamento científico. Com o tempo, a ciência foi se consolidando como o bastião da razão, e o racionalismo científico passou a ser visto como o guia mais seguro para a produção do conhecimento. O domínio das religiões foi gradualmente cedendo lugar a um método empírico e racional, cuja estrutura rigorosa acabou sendo adotada como padrão universal da ciência.

Quando observamos a natureza da compreensão, as reflexões do professor Dimas Kunsch da UMESP são incrivelmente expansivas: afinal seria o rigor científico a única maneira de obter conhecimento? O professor comenta sobre a exigência inegociável de uma lógica rigorosa, o que justificaria a existência de cadeias de pensamento difíceis de acompanhar. Também menciona a chatice das rotinas acadêmicas assinalando que os pesquisadores novos lidam com o grande desafio de aprender a escrever de acordo com as normas, uma missão torturante.

O ensaio é um formato de narrativa um tanto polêmico por assim dizer. De início porque ele é baseado principalmente na vivência do autor. O ensaio é mais permissivo que o discurso rigoroso do método científico. A mente aberta para a criatividade, aberta para percepção sensível do mundo.

Adorno, um dos expoentes da escola de Frankfurt em 1954 publicou O Ensaio Como Forma. Para o autor, o ensaio não busca resolver ou reconciliar opostos, mas sim explorar e enfatizar as tensões e conflitos inerentes ao nosso objeto de estudo. Os ensaios são formidáveis catalisadores de ideias. É curioso que no cinema temos o filme-ensaio, um subgênero do cinema que se caracteriza pela expressão do pensamento do realizador no próprio filme. Nos filmes-ensaio o autor costuma transpor os conteúdos registrados com a sua câmera e o faz subvertendo o processo de edição, adicionando elementos autorais às suas narrativas como seus próprios textos narrações e performances.

Com todas essas reflexões sobre o filme-ensaio seria possível sugerir o caminho contrário? Poderia haver um ensaio-filme? Até que ponto uma narrativa audiovisual poderia ser considerada um ensaio científico? Este artigo é uma tentativa de responder a tal questionamento. Posto que este texto foi adaptado de uma produção audiovisual, sugiro ao leitor que conheça a experiência original, disponível no YouTube .

Já que escrever é uma indecência, nas palavras de Sócrates, vamos lembrar que há outras maneiras de se comunicar além da escrita. Tudo que tenta representar algo é um signo seja qual for a forma pela qual o percebemos. Linguagem é signo, o modo como pensamos também é organizado por signos. É a partir daí que a professora Lúcia Santaella da PUC São Paulo trabalha com o um conceito interessante em sua obra: As Matrizes da Linguagem e do Pensamento.

De acordo com a professora, existem basicamente três matrizes para a elaboração das linguagens. Uma delas é a matriz verbal, a linguagem escrita e falada, a preferida do método científico. Ela está sendo útil no momento em que você compreende a o sentido deste texto. Não confundir com a matriz

sonora que está relacionada com a nossa percepção auditiva, incluindo música, voz e outros ruídos. Já a matriz visual, segundo Santaella, refere-se ao conjunto de elementos imagéticos que compõem a experiência humana, incluindo imagens, formas, cores, símbolos e gestos.

Na verdade, as diferentes matrizes se combinam para criar significados mais complexos e muito presentes nas mídias contemporâneas. É uma chave para compreender como a televisão, o cinema e a internet afetam a nossa percepção e a nossa comunicação.

Há muitas considerações a partir desse ponto. O vídeo permite explorar outras possibilidades de compreensão pois o seu autor pode manejar livremente as diferentes matrizes. Assim como o espectador conta com uma série de recursos digitais que as linhas apenas descrevem para você, caro leitor.

Uma boa trilha sonora não vai solucionar os problemas do mundo, mas a música pode ser uma boa ideia para garantir a escuta de grupos e minorias. O audiovisual é desafiador e requer uma técnica que vai além do ato de escrever. Mas conta com um potencial imenso de expressão e compreensão, que pode funcionar muito bem como método científico. E afinal, como diria Heidegger, não podemos deixar a técnica com os técnicos.

Referências

- ADORNO, Theodor. O ensaio como forma. In: COHN, Gabriel. Theodor W. Adorno. São Paulo: Ática, 1986.
- BENJAMIN, Walter. A obra de arte na era da sua reprodutibilidade técnica. Disponível em: http://www.mom.arq.ufmg.br/mom/02_babel/textos/benjamin-obra-de-arte-1.pdf. Acesso em: 10 ago. 2024.

- CHIACHIRI, Roberto. O poder sugestivo da publicidade: uma análise semiótica. 1. ed. São Paulo: Contexto, 2011.
- FARIAS, Luiz Alberto de. Relações públicas: teoria, contexto e relacionamentos. 1. ed. São Paulo: Summus Editorial, 2008.
- FREUD, Sigmund. Obras completas: volume 6: Três ensaios sobre a teoria da sexualidade, análise fragmentária de uma histeria ("O caso Dora") e outros textos (1901-1905). Tradução Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.
- HABERMAS, Jürgen. Conhecimento e Interesse. Tradução de José Lamago. Rio de Janeiro: Zahar, 1982.
- HAN, Byung-Chul. Sociedade do cansaço. Tradução de Enio Paulo Giachini. Petrópolis, RJ: Vozes, 2015.
- HEIDEGGER, Martin. A questão da técnica. Tradução de Carlos Alberto M. de Carvalho. 1. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004.
- HONNETH, Axel. Luta por reconhecimento: a gramática moral dos conflitos sociais. 1. ed. São Paulo: Editora 34, 2003.
- HOWLEY, Kevin. Media interventions. Nova York: Peter Lang, 2013.
- KANT, Immanuel. Resposta à Pergunta: O Que É Esclarecimento? E Outros Textos. Tradução de Tomaz Tadeu. 1. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.
- KUNSCH, Dimas. A alquimia da escrita. Disponível em: <https://blog.ijep.com.br/a-alquimia-da-escrita/?amp=1>. Acesso em: 10 ago. 2024.
- KÜNSCH, Dimas A. Compreender: indagações sobre o método. São Bernardo do Campo: Universidade Metodista de São Paulo, 2020.
- KÜNSCH, Dimas A.; CARRARO, Renata. Comunicação e pensamento compreensivo: o ensaio como forma de expressão do conhecimento científico. Líbero, São Paulo, v. 15, n. 29, jun. 2012.
- MACHADO, Arlindo. O filme-ensaio. Tradução. Rio de Janeiro: CCBB, 2009.
- NUNCA É NOITE NO MAPA. Direção: Ernesto de Carvalho. Brasil, 2016. Disponível em: <https://vimeo.com/175423925>. Acesso em: 11 ago. 2024.
- RODRIGUEZ, Gabriel. O ensaio como tese: estética e narrativa na composição do texto científico. [Cidade]: [Editora], 2012.

- RODRIGUEZ, Victor Gabriel. O ensaio como tese: estética e narrativa na composição do texto científico. 1. ed. São Paulo: Paulus, 2012.
- SANTAELLA, Lucia. Matrizes da linguagem e pensamento: sonora, visual, verbal. 2. ed. São Paulo: Iluminuras, 2005.
- SANTIAGO. Direção: João Moreira Salles. Produção: Videofilmes. Brasil: Videofilmes, 2007. 1 DVD (82 min.), son., color.
- THE WITNESS. Direção: Jonathan Blow. Produção: Thekla, Inc. 2016. Jogo eletrônico (PlayStation 4, Xbox One, PC).
- VICTOR, C.; EDOA, L. Media interventions como insurgências midiáticas nos territórios de vulnerabilidade social. Revista Latinoamericana de Ciencias de la Comunicación, [S. l.], v. 22, n. 42, 2023.
- YUVAL-DAVIS, Nira. Belonging and the politics of belonging. Patterns of Prejudice, v. 40, n. 3, p. 197–214, 2006.

Palavras-chave: audiovisual; matrizes da linguagem e pensamento; ensaio; media interventions.